

## **Pelo Quarto Espaço: esboços de inteligência coletiva e algumas revoltas**

Leandro Alves Barbosa<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente trabalho busca compreender os movimentos sociais que eclodiram no século XXI, como o **Occupy Wall Street**, nos EUA, e as Jornadas de Junho, ocorridas em quase todo o Brasil, a partir do conceito de *inteligência coletiva* desenvolvido pelo filósofo francês Pierre Lévy. Partindo do ponto de vista da complexidade desses novos movimentos e de sua manifestação em escala global através das redes sociais e de coletivos de hacktivismo, como o Anonymous, e da ação de cypherpunks, como Julian Assange, criador do site WikiLeaks, cujo livro **Cypherpunks: liberdade e o futuro da Internet**, serviu como um dos aportes teóricos para esse estudo. Especialmente, no que diz respeito à tentativa de controle da internet por parte do Estado e de corporações como a Facebook, Google, Microsoft e Apple. A relação entre os movimentos é feita através de uma análise do discurso dos manifestantes nas mídias alternativas, da maneira como atuam nas diversas regiões do mundo, de modo que, apesar das suas especificidades, se buscou equiparar-los em escala global, e de análises bibliográficas sobre o assunto, desde Edgar Morin a Slavoj Žižek. A primeira parte desse trabalho analisa os movimentos sociais no século XXI e a crise das estruturas políticas neoliberais nos países democráticos. A segunda busca observar as potencialidades de libertação trazidas pela cibercultura, pela Internet, e a tentativa do Estado e de certas corporações (citadas acima) de controlar esse novo espaço. A última parte do trabalho busca desenvolver uma aproximação teórica entre os ‘novos’ movimentos sociais e o *quarto espaço* proposto por Lévy, no livro **Inteligência Coletiva**, como uma simbiose ou sinergia entre teoria e ação social.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais; Inteligência Coletiva; Complexidade, Mídia Alternativa; Cypherpunks; Internet.

Fortaleza-CE  
25/03/2014

---

<sup>1</sup>Graduando do 6º semestre do curso de Comunicação Social / Jornalismo pela Faculdade Nordeste – Fanor.

## **Abstract**

This paper seeks to understand the social movements that erupted in the XXI century , as the Occupy Wall Street in the U.S. and Workshops June , occurring in almost all Brazil , from the concept of collective intelligence developed by the French philosopher Pierre Lévy . From the point of view of the complexity of these new movements and its manifestation on a global scale through social networks and collectives hacktivism , like Anonymous, and the action of cypherpunks , like Julian Assange , founder of WikiLeaks , whose book *Cypherpunks : freedom and the future of the Internet* , served as one of the theoretical contributions to this study . Especially with regard to trying to control the internet by the state and corporations like Facebook , Google , Microsoft and Apple . The relationship between the movements is done through a discourse analysis of the protesters in the alternative media , the way they act in different regions of the world , so that , despite its specificity , we sought equates them on a global scale , and analyzes bibliographies on the subject , from Edgar Morin to Slavoj Zizek . The first part of this paper analyzes the social movements in the twenty-first century and the crisis of neoliberal political structures in democratic countries . The second we checked for potential release brought about by cyberculture , the Internet , and the attempt of the State and certain corporations ( cited above) to control this new space . The last part of the work seeks to develop a theoretical approach between the ' new ' social movements and the room space proposed by Lévy , *Collective Intelligence* in the book , as a symbiosis or synergy between theory and social action .

**Keywords:** Social movements; Collective Intelligence; Complexity; Alternative Media; Cypherpunks; Internet.

## **Introdução: as revoltas no mundo**

Os enunciados continuarão a flutuar no vazio, indecisos, enquanto *agentes coletivos de enunciação* não forem capazes de explorar as coisas na realidade, enquanto não dispusermos de nenhum meio de recuo em relação à ideologia dominante que nos gruda na pele, que fala de si mesma em nós mesmos, que, apesar da gente, nos leva para as piores besteiras, as piores repetições e tende a fazer com que sejamos sempre derrotados nos mesmos caminhos já trilhados. Felix Guattari, 1985, p. 18.

O mundo passa por uma grande transformação, não só da queda de regimes totalitários a governos democráticos<sup>2</sup> – como foi apresentado pela imprensa mundial às revoltas na Tunísia e no Egito na alvorada da Primavera Árabe – que seguiram um modelo semelhante ao proposto por Gene Sharp no livro **Da Ditadura à Democracia – Uma Estrutura Conceitual para a Libertação**<sup>3</sup>, mas a luta pela própria transformação desses regimes democráticos, de suas estruturas fundamentais. Luta essa que visa por em “xeque” a maneira como o próprio sistema democrático foi concebido modernamente, isto é, na Europa pós **Revolução Industrial e Francesa**.

Assistimos diariamente a novos e velhos protestos contra a Copa do Mundo no Brasil – mesmo depois das Jornadas de Junho que marcaram o calendário histórico de protesto no país, contra a recusa do presidente da Ucrânia, em Kiev, ao acordo de comércio e cooperação com a União Européia em troca de gás barato oferecido pelo governo de Putin, na Rússia. Que após longo período de protestos e mortes levou o presidente Viktor Yanukovytsch a deixar o país em fevereiro de 2014, que foi assumido por um governo interino pró União Européia. Com isso, se deu margem para abertura de velhas feridas da Guerra Fria. Apesar do reconhecimento do novo governo pelos EUA e UE, o governo Russo considerou o ato um golpe de Estado. Temendo o controle da Ucrânia, onde passa cerca de 80% do gás exportado pela Rússia para a Europa, por EUA e UE, e a possível entrada das tropas da OTAN no território ucraniano, como a Criméia, onde se encontra a poderosa Frota do Mar Negro, a Rússia, depois de um referendo em que 97% dos votantes escolheram voltar ao domínio de Moscou, tratou de ocupar militarmente o país e anexá-lo ao seu território. Um claro exemplo do Espaço antropológico das mercadorias demarcado ainda pelas políticas de dominação e controle do Território, ao invés de reconfigurados pelos intelectuais coletivos do Espaço do saber<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Vede o documentário **Como Iniciar uma Revolução** disponível no link: [http://www.youtube.com/watch?v=jqtTc\\_CMIJg](http://www.youtube.com/watch?v=jqtTc_CMIJg) acessado em 20/03/2014

<sup>3</sup> Da Ditadura à Democracia – Uma Estrutura Conceitual para a Libertação.

<sup>4</sup> Os espaços descritos no final do parágrafo se referem aos espaços antropológicos: Terra, Território, Espaço das mercadorias e Espaço do saber, elaborados pelo filósofo Pierre Lévy, no livro **A Inteligência Coletiva**, para elencar o

Antes uma guerra civil tomou conta da Síria, que começou como uma revolta popular contra a opressão do governo de Bashar al Assad e já contabiliza centenas de mortes e milhões de refugiados. E que tem como bojo principal a luta pela liberdade, um dos elementos fundantes do saber espaço<sup>5</sup>.

Sem falar nos jovens que ocuparam as principais praças do mundo para protestarem contra a crise na Europa, especialmente em Portugal, na Espanha e na Grécia. Movimentos como o **Occupy Wall Street**, nos EUA, e **Ocupe o Cocó**<sup>6</sup>, em Fortaleza. O primeiro criticando o modelo e a política econômica adotada pelas instituições financeiras nos EUA, com total aporte do Banco Central<sup>7</sup> norte-americano. O segundo debatendo uma alternativa ao modelo neoliberal de cidade proposto pelos atuais gestores, fundamentado na especulação imobiliária, no despejo de populações, em estado de vulnerabilidade social, de áreas com alto valor paisagístico em favorecimento do empresariado turístico e da construção civil – responsável e interessado nas modificações urbanísticas dessas áreas –, e a tira colo, acelera o processo de gentrificação dos territórios mais nobres da cidade, o desmatamento das poucas zonas verdes, com grandes incentivos fiscais ao capital privado em detrimento da aplicação de recursos nos serviços básicos como educação, saúde e moradia. Transformando a cidade em um grande balcão de negócios para uma pequena elite barganhá-la da maneira que lhe for mais aprazível.

Esses novos movimentos podem ser vistos, conforme Edgar Morin, como:

... O desenvolvimento dos múltiplos ramos de uma cidadania terrena, prelúdio de uma tomada de consciência de uma “Terra –Pátria”, diante do

---

desenvolvimento histórico da espécie humana na terra até os dias de hoje. A Terra “foi o primeiro espaço ocupado pela humanidade. Nossa espécie produziu a Terra, elaborando o mundo humano como tal. A Terra é justamente o mundo das significações, que irrompe no paleolítico, na linguagem, nos processos técnicos e nas instituições sociais” (Lévy, 2011, p. 117). O Território “trabalha para recobrir a grande Terra nômade, diminui as margens. Canaliza os rios, seca os mangues, desbasta as florestas inextricáveis... lança pontes sobre os rios, as ravinas; e as calçadas com pedras, nas linhas demarcatórias, ressoam ao passo das legiões. Exércitos, polícias, administrações, coletores de impostos e arrecadadores de tributos também civilizam os homens, constroem o Território a partir de dentro, edificam nos costumes e na alma coletiva dos povos um pirâmide social” (Idem, p. 119). O Espaço das mercadorias “espaço usual de trocas ou de comércio, mas uma espécie de novo mundo tecido pela circulação continua, cada vez mais intensa, cada vez mais rápida, do dinheiro. Letras de câmbio, cheques, pagamentos a prazo, títulos, divisas, taxas de lucro, finanças, especulação, calculo” (Idem, p. 120). Podemos identificar esse último espaço com o capitalismo. Já o Saber espaço “tem a ver com um espaço cosmopolita e sem fronteiras de relações e de qualidades; um espaço de metamorfose das relações e do surgimento das maneiras de ser; um espaço em que se unem os processos de subjetivação individuais e coletivos” (Idem, p. 123). Um Espaço que, apesar de virtual, já ressoa aos poucos sobre o concreto espaço do século XXI.

<sup>5</sup> O termo Quarto Espaço e Espaço do saber são utilizados como sinônimos aqui. E por vezes também o termo saber espaço ou ciberespaço.

<sup>6</sup> Movimento que surgiu na cidade de Fortaleza, Ceará, contra a derrubada de árvores do Parque do Cocó, um dos maiores biomas da América Latina, para a construção de um viaduto que estava inserido em um grande projeto de mobilidade urbana da cidade, levado a cabo pelo governador do estado Cid Gomes e pelo prefeito de Fortaleza Roberto Cláudio, ambos do Partido Socialista Brasileiro – PSB. Os manifestantes ocuparam o Parque por 84 dias, de agosto a outubro de 2013.

<sup>7</sup> Como mostra o documentário Inside Job do diretor Charles Ferguson.

enraizamento nos espíritos sem contudo suprimir as virtudes das diferentes e múltiplas pátrias nacionais. Trata-se de agora em diante de religar não somente da maneira técnico-econômica, mas sobretudo de maneira intelectual, moral e afetiva, os fragmentos dispersos do gênero humano. Edgar Morin, **O século XXI começou em Seattle**, *Le Monde*, Dez., 1999.

Por sua vez, a atualidade do texto de Morin lembra a fala de um manifestante no documentário **Com Vandalismo**, produzido pelo Coletivo Nigéria<sup>8</sup>, em Fortaleza, sobre as Jornadas de Junho na capital cearense. “Nós não vamos parar! Sou contra a Copa, sou contra o Estado! É isso o que estamos dizendo aqui, na Turquia, na Grécia, no país e em todo o canto! Vamos parar! Não dá mais, democracia direta já!”<sup>9</sup>. Até certo ponto, a revolta do manifestante pode ser entendida através do processo apontado por Morin para a crise de representatividade dos sistemas democráticos atuais.

Não existem apenas democracias inacabadas. Existem processos de regressão democrática que tendem a posicionar os indivíduos à margem das grandes decisões políticas (com o pretexto de que estas são muito “complicadas” de serem tomadas e devem ser decididas por “expertos” tecnocratas), a atrofiar competências, a ameaçar a diversidade e a degradar o civismo.

Estes processos de regressão estão ligados à crescente complexidade dos problemas e à maneira mutiladora de tratá-los. A política fragmenta-se em diversos campos e a possibilidade de concebê-los juntos diminui ou desaparece.

Do mesmo modo, ocorre a despolitização da política, que se autodissolve na administração, na técnica (especialização), na economia, no pensamento quantificante (sondagens, estatísticas). A política fragmentada perde a compreensão da vida, dos sofrimentos, dos desamparos, das solidões, das necessidades não quantificáveis. Tudo isso contribui para a gigantesca regressão democrática, com os cidadãos apartados dos problemas fundamentais da cidade. (Morin, 2000, p. 110).

E nessa brecha de decisão cívica criada pela atual democracia que se inserem e se configura a feição dos novos movimentos sociais. Eles buscam resolver a essas demandas.

Os movimentos atuais apresentam algumas similitudes, tais como: uma diversidade de movimentos e agentes sociais envolvidos, crítica aos modelos hierárquicos e verticais de tomada de decisão e de política social, busca por uma horizontalidade, além da sua característica essencial: os movimentos estão imbricados dentro e fora das redes sociais. Um sistema aberto que alimenta a ação e a retroação do

---

<sup>8</sup> O Coletivo Nigéria é uma produtora de áudio visual de Fortaleza que, como a Mídia NINJA, se tornou conhecida após filmar as manifestações contra a Copa das Confederações ocorridas em junho de 2013 na capital do Ceará. O Coletivo é formado pelos jornalistas Pedro Rocha, Bruno Xavier, Yargo Gurjão e Roger Pires.

<sup>9</sup> TEASER 02 – “Com Vandalismo”, no link <http://www.youtube.com/watch?v=Z2Dzic8L69M> acessado em 25/032014.

circuito formado entre as redes e movimentos sociais. Semelhante ao conceito de autoregulação presente no processo de homeostase, descrito no *princípio do circuito retroativo* de Norbert Wiener<sup>10</sup>.

## Metodologia

Há dois conceitos mestres que, ainda que não citados diretamente no corpo do texto, norteiam a abordagem metodológica desse trabalho: *complexidade*, de Edgar Morin, e *totalidade*, trabalhado por Slavoj Žižek no artigo **Problemas no Paraíso**<sup>11</sup>. O primeiro conceito conforme Morin:

*Complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios a nossa era planetária nos confrontam cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade. (Morin, 2000, p. 38).

O conceito de *complexidade* atua em sintonia com os sete princípios adotados por Morin para a melhor compreensão dos problemas enfrentados pela realidade atual<sup>12</sup>.

Quando ao conceito de *totalidade*, ele se torna mais claro na analogia feita por Žižek entre *totalidade* e capitalismo global, do que em uma exposição conceitual.

(...) deve-se ressuscitar o bom e velho conceito marxista de totalidade – neste caso, da totalidade do capitalismo global. O capitalismo global é um processo

---

<sup>10</sup> (Morin, 2003, p. 94).

<sup>11</sup> Cidades Rebeldes, 2013, pp. 181 a 195.

<sup>12</sup> O conjunto dos sete princípios são, conforme o seu livro **A Cabeça Bem Feita**, “1. *O princípio sistêmico ou organizacional*, que liga o conhecimento das partes ao conhecimento do todo, segundo o elo indicado por Pascal: “Considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer, particularmente, as partes.” A idéia sistêmica, oposta à idéia reducionista, é que “o todo é mais do que a soma das partes”. 2. *O princípio “holográfico”* põe em evidência este aparente paradoxo das organizações complexas, em que não apenas a parte está no todo, como o todo está inscrito na parte. 3. *O princípio do circuito retroativo*, introduzido por Norbert Wiener, permite o conhecimento dos processos auto-reguladores. Ele rompe com o princípio da causalidade linear: a causa age sobre o efeito, e o efeito age sobre a causa, como no sistema de aquecimento, em que o termostato regula o andamento do aquecedor. Esse mecanismo de regulação permite, aqui, a autonomia térmica de um apartamento em relação ao frio externo. De modo mais complexo, “a homeostasia” de um organismo vivo é um conjunto de processos reguladores baseados em múltiplas retroações. Em sua forma negativa, o círculo de retroação (ou *feedback*) permite reduzir o desvio e, assim, estabilizar um sistema. Em sua forma positiva, o *feedback* é um mecanismo amplificador; por exemplo: a violência de um protagonista provoca uma reação violenta, que, por sua vez, provoca uma reação mais violenta ainda. 4. *O princípio do circuito recursivo* ultrapassa a noção de regulação com as de autoprodução e auto-organização. É um circuito gerador em que os produtos e os efeitos são, eles mesmos, produtores e causadores daquilo que os produz. 5. *Princípio da autonomia/dependência (auto-organização)*. Os seres vivos são seres auto-organizadores, que não param de se autoproduzir e, por isso mesmo, despendem energia para manter sua autonomia. Como têm necessidade de retirar energia, informação e organização de seu meio ambiente, sua autonomia é inseparável dessa dependência; é por isso que precisam ser concebidos como seres autoecoorganizadores. 6. *O princípio dialógico* (...). Ele une dois princípios ou noções que deviam excluir-se reciprocamente, mas são indissociáveis em uma mesma realidade. 7. *O princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento*. *Esse princípio opera a restauração do sujeito e revela o problema cognitivo central: da percepção à teoria científica, todo conhecimento é uma reconstrução/tradução feita por uma mente/cérebro, em uma cultura e época determinadas*”. (Morin, 2003, pp. 93 a 96).

complexo que afeta diversos países de maneiras variadas, e o que unifica tantos protestos em sua multiplicidade é que são todas reações contra as múltiplas facetas da globalização capitalista. A tendência geral do capitalismo global atual é direcionada à expansão do reino do mercado, combinada ao enclausuramento do espaço público, à diminuição de serviços públicos (saúde, educação, cultura) e ao aumento do funcionamento autoritário do poder político. É dentro desse contexto que os gregos protestam contra o reinado do capital financeiro internacional e contra seu próprio Estado clientelista, ineficiente e corrupto, cada vez menos capaz de fornecer serviços sociais básicos. (Zizek, 2013, p. 186).

Ambos os conceitos, mesmo em autores tão diferentes, referem-se de maneira lógico-abstrata à relação entre o todo e a parte e entre a parte e o todo, na configuração, por parte da realidade, e percepção, por parte do pesquisador, de um problema. Alternando, na observação de um fenômeno, o olhar entre o global e local, o geral e as suas particularidades. Além desses conceitos-mestres, recorre-se a uma diversidade de textos e autores Guattari, Deleuze, Julian Assange, André Lemos, etc., na busca por compreender a complexidade do objeto de estudo abordado neste artigo.

### **Da democracia molar ao quarto espaço**

O processo renovador começa sempre por pequenas ilhas de experimentos, de desvios criativos, que se desenvolvem em tendências e se transformam, afinal, em pólos catalisadores de uma política pela renovação da ordem internacional. Edgar Morin, **Morin fala sobre as perspectivas Contemporâneas**, 09 de fevereiro de 2003 – *O Estado de S.Paulo* – Caderno 2

Em uma sociedade plural a *democracia termodinâmica*, tal qual foi colocada pelo filósofo Pierre Lévy<sup>13</sup> – cujas grandes decisões políticas são tomadas de maneira binária – deixa de ter a sua representatividade máxima na divisão de suas estruturas políticas *molares* totalizantes e atomizadas, como democratas e republicanos, esquerda e direita etc. Já que dois pólos apenas não podem abarcar os anseios e as demandas heterogêneas de milhares de pessoas sem deixar de cometer grandes equívocos.

Como notado pelos manifestantes do **Ocuppy Wall Street** “(...) a forma institucionalizada de democracia multipartidária representativa não é suficiente para combater os excessos capitalistas”<sup>14</sup>.

A isso que Deleuze e Guattari em seu livro **Mil Platôs**<sup>15</sup> chamaram de *segmentaridade*, a restrição de uma pluralidade de seres, de coisas, de desejos e de

---

<sup>13</sup> A Inteligência Coletiva.

<sup>14</sup> (Zizek, 2013, p. 187).

<sup>15</sup> Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 3 / Gilles Deleuze, Félix Guattari... Capítulo 9, Micropolítica e Segmentaridade

vontades a uma oposição binária, por exemplo, gays, lésbicas, travestis, transexuais, dentre outros, a disjunção homem e mulher, ou simplesmente, heterossexualidade... Sendo que o que não oscila entre os pólos é repellido discriminatoriamente por ele. O que na ordem política e social se resume ao afunilamento da representatividade social total a estruturas de poder biunívocas, descrito mais acima como *termodinâmicas*. Contrárias as ‘leis’ que regem o universo de nossa atual cibercultura, que pregam a liberação do pólo de emissão<sup>16</sup>, trazendo à tona as vozes de novos agentes políticos com novas reivindicações e demandas sociais e coletivas que exigem uma reconfiguração da própria política para que sejam atendidas.

Conforme Lévy, essa nova política desenvolvida a partir das virtualidades da cibercultura ou do Saber espaço emergiria como:

(...) uma maneira de democracia direta acompanhada por computador, não mais fundada na representação de maiorias estáticas, mas na auto-organização dos coletivos inteligentes, com a possibilidade para as minorias de experimentar e tomar iniciativas. (Lévy, 2011, p. 194)

Para tanto Lévy fundamenta sua filosofia política original a partir das complexidades da cultura atual, tendo como foco o que o autor chama de *coletivos inteligentes*, que seriam os agentes criadores dessa nova forma de governo e de organização político-social emergentes na cibercultura.

(...) essa filosofia política advoga o estabelecimento irreversível de um quarto espaço, lugar de uma democracia de iniciativa e de experimentação direta, utilizando novos instrumentos técnicos e sociais de expressão de coletivos que não esmagam – e até mesmo favorecem – as singularidades. Esse quarto espaço não podem ser decretado: ele se estenderá ou crescerá ao ritmo da vida dos intelectuais coletivos que o animarem. (Lévy, 2011, p. 195)

Como pode ser notado na citação acima, a realização de tal projeto seria o que Lévy denominou como Espaço do saber ou quarto espaço. Contudo, a concreção desse espaço seque ameaçada por certos vestígios da antiga ordem...

## **Resquícios do velho mundo**

As técnicas, incluindo-se as técnicas de informação/computação/comunicação como a Internet, levam consigo tanto

---

<sup>16</sup> Lemos André; Cunha, Paulo (orgs). Olhares sobre a Cibercultura. Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23. A Liberação do pólo de emissão é a segunda lei da cibercultura proposta por Lemos, as outras duas são a lei (primeira) da Reconfiguração, “trata-se de reconfigurar práticas, modalidades midiáticas, espaços, sem a substituição de seus respectivos antecedentes.”, e a lei (terceira) da Conectividade generalizada “A conectividade generalizada põe em contato direto homens e homens e máquinas mas também máquinas e máquinas que passam a trocar informação de forma autônoma e independente”.



virtualidades emancipadoras quanto virtualidades escravizadoras. Edgar Morin, **O século XXI começou em Seattle**, *Le Monde*, Dez., 1999.

As velhas formas de materialidade do poder ameaçam desabar sobre os rumos ideais do saber espaço proposto por Lévy... O alerta já não vem de mentes conspiratórias e paranóicas ao estilo 1984, que ‘exageravam’ sobre o controle operado pelo poder e pela vigilância no mundo. Ele estampa as manchetes dos principais jornais do planeta – *The Guardian*, *The New York Times*, *Le Monde*, *El País*, *Der Spiegel*, *O Globo*, *Folha de São Paulo* –. E surge de quem enfrentou o leviatã por dentro.

O mundo não está deslizando, mas avançando a passos largos na direção de uma nova distopia transnacional. Esse fato não tem sido reconhecido de maneira adequada fora dos círculos de segurança nacional. Antes, tem sido encoberto pelo sigilo, pela complexidade e pela escala. A internet, nossa maior ferramenta de emancipação, está sendo transformada no mais perigoso facilitador do totalitarismo que já vimos. A internet é uma ameaça à civilização humana. (Assange ... [et al.] 2013, p. 25.)

Ainda que a internet seja apenas um aspecto da cibercultura apontado por Lévy:

Se a Internet constitui o grande oceano do novo planeta informacional, é preciso não esquecer dos muitos rios que a alimentam: redes independentes de empresas, de associações, de universidades, sem esquecer as mídias clássicas (bibliotecas, museus, jornais, televisão etc.). É exatamente o conjunto dessa “rede hidrográfica”, até o menor dos BBS, que constitui o ciberespaço, e não somente a Internet. (Lévy, 1999, p. 126)<sup>17</sup>

Ela não deixa de ser uma parte importante no equilíbrio e na manutenção da cibercultura, e o fato é que, assim como os demônios de Maxwell introduziram o caos e a incerteza no universo das leis da física termodinâmica, os demônios de Lévy desfiguraram a sua Cidade do Sol ou a quarto espaço... Apesar de que o filósofo não escondeu que o Saber espaço é apenas um constructo virtual. Até por que ele não propõe soluções, mas problemas e apontamentos para entendermos o nosso atual labirinto de Minos. E do mesmo modo que os gregos falsificaram Cnossos<sup>18</sup>, o Estado e empresas como Google, Facebook, Apple e Microsoft, para citar as mais conhecidas, desfiguraram as riquezas do ciberespaço como uma mineradora desfigura os recursos naturais da terra. Como descreve Andre Lemos em um artigo sobre mídias locativas e vigilância, essa nova distopia cibercultural:

---

<sup>17</sup> **Cibercultura**. Lévy, Pierre, São Paulo, Editora TRANS.

<sup>18</sup> “O palácio de Cnossos foi, durante sete séculos, o principal centro de irradiação da civilização da era de Minos. O palácio cretense não possui fortificações. A pacífica cultura da era de Minos concentrou seus esforços na complexidade da arquitetura, na decoração das salas, na beleza e na engenhosidade do agenciamento interior (esgotos, rede de água potável etc.)” (Lévy, 2011, p. 212). O filósofo se refere ao exemplo de Cnossos para dizer que uma cultura pacífica, voltada para a arte, os adornos, para os valores humanos, para a complexidade, para a liberdade e coletividade é possível dentro da história. Bem diferentes de nossa cultura atual voltada para a obtenção do poder, da depredação da natureza, da acumulação de capital, conquistas e expansões territoriais à custa de guerras e de vidas humanas.

A nova vigilância da sociedade de controle está em todos os lugares e, ao mesmo tempo, em lugar nenhum. Diferente dos “internatos”, os atuais meios de vigilância não se dão mais em espaços fechados, mas nos “controlatos” dos perfis da internet, nos bancos de dados em redes sociais interconectadas, nos deslocamentos com o telefone celular monitorando o “*roaming*” do usuário, na localização por GPS, nos rastros deixados pelo uso de cartões eletrônicos, nos *smartcards* dos transportes públicos, nos sinais emitidos e captados por redes *bluetooth*, nas etiquetas de radiofrequência que acompanham produtos e compradores... Certamente tudo está menos visível e mais difuso, tornando essa invisibilidade vigilante mais performativa e o controle dos movimentos mais efetivo. Não se trata mais de fechar e imobilizar para vigiar, mas de deixar fluir o movimento, monitorando, controlando e vigiando pessoas, objetos e informação para prever consequências e exercer o domínio sob as “modulações. Como diz Deleuze (1992), “*o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo*”. (Lemos, 2009, p. 630)

Para notarmos as possibilidades expostas por Lévy para o ciberespaço enquanto construtor de uma nova sociedade torna-se necessário falarmos antes sobre o virtual no pensamento do autor.

### **Da metafísica do virtual a inteligência coletiva**

Sejamos francos: o Espaço do saber não existe. É, no sentido etimológico, uma utopia, um não lugar. Não se realiza em parte alguma. Mas se não se realiza já é virtual, na expectativa de nascer. Ou melhor, já está presente, mas dissimulado, disperso, travestido, mesclado, produzindo rizomas aqui e ali. (Lévy, 2011, p. 122)

Para Lévy o saber espaço é uma virtualidade. Aquilo que não é em termos de existência, se a existência, aqui, for entendida como algo palpável, a maneira de um materialismo rude e primitivo. Não diz respeito apenas a essa potencialidade negativa que se atualizou no mau uso da internet pela vigilância governamental, numa estratégia e clima que lembram o período de Guerra Fria... Talvez por que os seus autores ainda vivam em tal período, assim como as suas táticas.

Lévy já alertava em **Inteligência Coletiva** sobre o perigo de o Saber espaço ser controlado pelo Espaço das mercadorias e pela política do Território. E é isso o que infelizmente está acontecendo. Mas, em todo caso, isso não deixa de ser apenas um aspecto do ciberespaço que se realizou em meio a inúmeros outros que podem vir e que já estão devindo, como os *coletivos inteligentes* que explodiram nas grandes manifestações do século XXI pelo mundo e pelo Brasil.

Mas para entendermos esses novos fenômenos sociais e políticos, se torna capital diferenciarmos alguns conceitos de Lévy, de modo a clarificar pontos em seu

pensamento para percebermos a importância do autor para a compreensão desse mundo globalizado e em rede. A diferença entre o *virtual* e o *possível*.

O *virtual* é um conjunto de possibilidades situado e limitado no tempo e no espaço de suas circunstâncias. Nesse sentido, o virtual é um projeto realizável, mas ainda não realizado. É algo que paira no ar, indeterminado. Que está em toda a parte e em lugar nenhum.

O *possível* é a possibilidade que é dada de antemão e quase necessariamente: a semente só pode se transformar em árvore. Nos termos da aitiologia aristotélica, seria a junção da *causa final* com a sua forma preconcebida pela *causa eficiente*. De tal maneira, no *possível* tudo gira em torno dos fins (teleologia) e de modo extremamente abstrato, pois o trata parcial e unilateralmente ao se referir ao seu movimento como dotado de um sentido único, mesmo sendo aquilo que busca descrever uma multiplicidade de vetores possíveis, de variáveis e circunstâncias casuais. E é isso, essa multiplicidade de vetores, apresentada aqui de maneira rude, que Lévy trata como sendo o *virtual*.

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. (Lévy, 1996, p. 15)

Tal diálogo travado por Lévy, aparentemente, contra a metafísica aristotélica e o idealismo alemão, a dialética trabalhada por ele, para ser mais específico, implica em uma diferença essencial (ontológica) nessa linha de pensamento. Que acaba sempre por colocar a realidade, estática e acabada, numa visão estanque do *real*, que passado do *possível a realidade*, termina por suprimir o seu movimento em si mesmo, eliminando a dinâmica (*dýnamis*) que compunha a lógica do real, antes de se extinguir no devir que a trouxe a realidade.

Nesse sentido, a diferenciação proposta por Lévy na conceituação do *virtual* em relação ao *atual*, e do *possível* em relação ao *real*, diz respeito aos fins propostos por cada conceito. Como já foi descrito, a passagem do substrato imanente da realidade (o possível) ao concreto (*real*), é uma simplificação da realidade, a redução do múltiplo ao uno. Enquanto a passagem do *virtual* para o *atual* se apresenta como uma complexificação.

Desse modo podemos entender o Saber espaço como algo virtual. Que irá surgir segundo as circunstâncias e o empenho dos *intelectuais coletivos*, através de suas respostas dadas aos problemas atuais da sociedade.

### **Crise, insurreição e alternativas: o direito à cidade e à democracia**

“O controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas”. (Deleuze, **Post-Scriptum Sobre as Sociedades de Controle**, p. 5)

O quarto espaço não é um espaço dado, não é algo determinístico e inevitável, mas algo a ser conquistado. E é nesse sentido que os coletivos inteligentes buscaram se expressar nas manifestações de junho. Conforme o texto introdutório da urbanista, professora da FAU-USP e relatora especial da ONU para a moradia adequada Raquel Rolnik, ao livro **Cidades Rebeldes**.

(...) a participação, através de sua expressão mais radical, a autogestão, e as novas maneiras e métodos de fazer política tomaram as ruas como forma de expressar revolta, indignação e protesto. Isso não é novo na política. Mas hoje o tema da ocupação – no sentido do controle do espaço, mesmo que por um certo período, e, a partir daí, a ação direta na gestão de seus fluxos – tem forte ressonância no sentimento, que parece generalizado, do alheamento em relação aos processos decisórios na política e da falta de expressão pública de parte significativa da população. Ocupando as ruas, reorganizando os espaços e reapropriando suas formas, seguindo a linha teórica avançada por David Harvey em seu artigo, aqueles que são alijados do poder de decisão sobre seu destino tomam esse destino com seu próprio corpo, por meio da ação direta. (Rolnik, 2013, pp. 15/16)

Dessa maneira, entendemos que nas ruas as pessoas buscaram não apenas se revoltar contra o Estado e a falta de direitos básicos no seu cotidiano, mas experimentar maneiras alternativas de se articular politicamente, criando novos espaços de convivências baseados na auto-organização, na democracia de iniciativa e experimentação direta através dos instrumentos técnicos e sociais de expressão dos coletivos, horizontalidade nas tomadas de decisões, abertura de espaço para a singularidade entendida como favorecimento a participação da diversidade social, das minorias, dos excluídos, dos marginalizados, tudo aliado a conectividade proporcionada pela internet, através das redes sociais, dos excluídos pelo modelo neoliberal de cidade e das “estratégias keynesianas de geração de emprego e aumentos salariais” (2013). E como expressa Rolnik:

(...) não se compra o direito à cidade em concessionárias de automóveis e no Feirão da Caixa: o aumento de renda, que possibilita o crescimento do consumo, não “resolve” nem o problema da falta de urbanidade nem a precariedade dos serviços públicos de educação e saúde, muito menos a

inexistência total de sistemas integrados eficientes e acessíveis de transporte ou a enorme fragmentação representada pela dualidade da nossa condição urbana (favela *versus* asfalto, legal *versus* ilegal, permanente *versus* provisório). A “fagulha” das manifestações de junho não surgiu do nada: foram anos de constituição de uma nova geração de movimentos urbanos – o MPL, a resistência urbana, os movimentos sem-teto, os movimentos estudantis –, que, entre “catracaços”, ocupações e manifestações foram se articulando em redes mais amplas, como os Comitês Populares da Copa e sua articulação nacional, a Ancop. (Rolnik, 2013, p.13)

Mas o que une as manifestações em locais tão diferentes do planeta, como escreve Zizek.

Já em 2011, quando uma onda de manifestações estava explodindo por toda a Europa e pelo Oriente Médio, muitos comentaristas insistiam que não deveríamos tratá-los como momentos de um mesmo movimento de insatisfação global, pois cada um deles reagia a uma situação específica: no Egito, os manifestantes exigiam aquilo que as sociedades contra as quais o movimento Occupy protestava já tinham (a liberdade e a democracia). A Primavera Árabe no Egito e a Revolução Verde no Irã eram fundamentalmente diferentes: enquanto o primeiro dirigia-se contra um autoritário regime pró-ocidental e corrupto, o segundo condenava o autoritarismo islâmico. É fácil observar como essa particularização de protestos ajuda os defensores da ordem mundial existente: não há nenhuma ameaça contra a ordem global como tal, e sim problemas locais específicos. (Zizek, 2013, pp. 185/186)

O que os une de fato, segundo o mesmo Zizek, além de todos estarmos ligados pela globalização ao capitalismo global e as crises estabelecidas por ele nas diferentes partes do globo, são as diferentes demandas e especificidades. Assim Zizek estabelece uma unidade na multiplicidade:

O que une esses protestos é o fato de que nenhum deles pode ser reduzido a uma única questão, pois todos lidam com uma combinação específica de (pelo menos) duas questões: uma econômica, de maior ou menor radicalidade, e outra político-ideológica, que inclui desde demandas pela democracia até exigências para a superação da democracia multipartidária usual. E será que o mesmo já não se aplica ao Occupy Wall Street? O movimento Occupy sugere duas ideias básicas: i) o descontentamento com o capitalismo *como sistema* (o problema é o sistema capitalista em si, não a sua corrupção em particular); e ii) a consciência de que a forma institucionalizada de democracia multipartidária representativa não é suficiente para combater os excessos capitalistas, ou seja, que a democracia tem de ser reinventada. (Zizek, 2013, pp. 186/187).

### **Considerações finais: Black blocs, os ludistas da nova ordem.**

As revoltas explodem pelo mundo e generalizam a insatisfação das pessoas com os rumos tomados pela sociedade atual. Alguns poucos visionários como Lévy, Deleuze, Guattari e Guy Debord já anteviam tais processos

Quando as correntes revoltadas da juventude lançam um primeiro protesto informe – no qual, entretanto, já está presente a recusa da antiga política especializada, da arte e da vida cotidiana –, aí estão as duas faces de uma

nova luta espontânea que começa com feição *criminosa* (...). Quando os herdeiros desgarrados desse exército ainda imóvel reaparecem nesse terreno, que se tornou outro e permanece o mesmo, eles seguem um novo “general Ludd” que, desta vez, os lança na destruição das *máquinas do consumo permitido*. (Debord, 1997, p. 115)

E esses novos ludistas têm mais relações com os antigos do que supõem, como podemos notar na descrição de Kirkpatrick Sale, em seu livro **Inimigos do Futuro**.

Na pequena aldeia de Bulwell, a uns seis quilômetros ao norte de Nottingham, um pequeno grupo de homens reuniu-se na escuridão; eles enegreceram seus rostos ou os cobriram com cachecóis, enquanto atendiam a uma chamada no estilo militar, erguendo suas diferentes armas (...). (Sale, 1999, p. 72).

Veja-se a semelhança com o que surgiu, primeiramente, como tática de guerrilha urbana, e já se transformou na linha de frente dos movimentos sociais: os *black blocs*. E se naquela época os ludistas atacavam as fábricas, epicentro da crise do capitalismo industrial, nada mais natural que os *black blocs* ataquem os bancos e as grandes corporações que são os atuais centros e causas da crise do sistema financeiro Europeu<sup>19</sup> e das economias da América do Sul. No Brasil, por exemplo, conforme o trabalho da auditora fiscal Maria Lucia Fatorelli, em 2012, os bancos, através do mecanismo da dívida pública.

(...) absorveu 43,98% dos recursos federais, enquanto a Saúde recebeu apenas 4,17%, a Educação 3,34%, Segurança 0,39%, Transportes 0,7% e Habitação apenas 0,01% do Orçamento Geral da União (executado em 2012) que atingiu um total de R\$ 1, 712 trilhão. (Maria Lucia Fatorelli em entrevista para Viviane Tavares, “**A dívida é basicamente um mecanismo financeiro que se autorreproduz e autoalimenta**”, Brasil de Fato, p. 7, 12 a 18 de setembro de 2013,).

Relacionados com as novas redes de informação, mídias sociais e movimentos como *Anonymous* e o próprio *Wikileaks* que tem uma atuação política e militante bem expressiva, os *black blocs* se põem na dianteira dos *coletivos inteligentes*. Trazendo em seu discurso palavras de ordem contra a hierarquia, o centralismo e a estrutura verticalizada dos partidos políticos, como podemos observar nas *Jornadas de Junho*, o movimento também possui práticas significativas de horizontalidade, auto-organizações, multicêntricas, anti-hierárquicas e apartidárias, em resposta ao engessamento dos partidos.

Aliado à chamada *mídia alternativa* que surgiu como contraposição às transmissões da mídia hegemônica e como os porta-vozes dos movimentos sociais. Que atuam com uma resposta contra a burocracia, o verticalismo, a hierarquia das estruturas

---

<sup>19</sup> Ver o documentário **Inside Job** sobre a crise norte-americana.

*molares* tradicionais, dos partidos, dos sindicatos e de todas as instituições sociais que perderam o contato mais profundo com a realidade das pessoas.

## Bibliografia

- Debord, G. (1997). *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Deleuze, G. (1992). *Post-Scriptum Sobre as Sociedades de Controle*. Rio de Janeiro: Ed 34.
- Guattari, F. (1985). *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Harvey, D. (2013). *Cidades Rebeldes*. São Paulo: Boitempo.
- Julian Assange, J. A.-M. (2013). *Cyberpunks*. São Paulo: Boitempo.
- Lemos, A. (2009). *Mídias locativas e vigilância: sujeito inseguro, bolhas digitais, paredes virtuais e territórios informacionais*. Curitiba: PUCPR.
- Lemos, A., & Cunha, P. (. (2003). *Olhares sobre a Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.
- Lévy, P. (2011). *A Inteligência Coletiva*. São Paulo: Edições Loyola.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Morin, E. (09 de fevereiro de 2003). *Morin fala sobre as perspectivas Contemporâneas*. São Paulo: O Estado de S.Paulo – Caderno 2.
- Morin, E. (2003). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (1999). *O século XXI começou em Seattle*. França: Le Monde.
- Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo/Brasília: UNESCO/Cortez Editora.
- Sale, K. (1999). *Inimigos do Futuro: a guerra dos ludistas contra a Revolução Industrial e o desemprego*. Rio de Janeiro: Record.
- Sharp, G. (2010). *Da Ditadura à Democracia uma estrutura conceitual para a libertação* (4ª Edição dos Estados Unidos ed.). (J. A. Filardo, Trad.) São Paulo: The Albert Einstein Institution.